Abismos Poéticos

J. ROWSTOCK

Sobre o livro:

Eis que nasce um livro das entranhas de minhas psicoses, esquizofrenias e demasiado mundo pós-moderno inflamando cada parte do meu corpo e desta obra que não se define, apenas existe da maneira que encontrou se,mas que deixará uma marca muito grande em seu peito de leitor, ou fará abismos jamais esquecidos através de uma poética simples e forte, simples e ácida e corrosiva. Das entranhas deste que olha o mundo um pouco diferente ou muito diferente,depende de como você olha, saiu um livro com as melhores exposições sobre um cotidiano já anestesiado e cansado porque é natural mas nunca morto,e se fosse morto estaria vivo porque a morte continua sempre cheia de energia para nos assustar. Porém, não se assuste meu caro leitor, Abismos Poéticos...

(J. ROWSTOCK) (Santa Maria/RS)

Sobre *Josué Rowstock*:

Escritor de Santa Maria/RS, nascido em Porto Alegre no dia 25/04/1993. Josué se define como uma espécie de pensador terapêutico, de modo que a escrita é terapia das mais fortes e influentes em dias como os nossos. Escrever é terapia para quem faz a leitura e para quem escreve.

Coordenador do projeto independente que lida com a literatura Underground, Febre de Rato, o escritor vem aos poucos tomando seu espaço na literatura nacional como uma jovem promessa.

Estudante do Curso de Letras na Universidade Federal de Santa Maria/RS, o escritor continua palestrando em saraus literários pela cidade e estado e continuamente a poesia, o mesmo escreve contos, romances e crônicas para se contar e acabar contando a vida.

Dedicatória:

Para Laiza Ferraz.
Aos meus leitores e leitoras.
Minha família e meus apoiadores.

JOSUÉ ROWSTOCK.

Para uma Sereia.

És bela donzela, que transparece no luar.
Vêm de fronte na mais bonita vertigem a vagar.
A noite chegou finalmente, plácida acalentar.
Vejo teu seio donzela, respirando o ar gélido do mar!

E as areias são frias, demasias do impropério.
Ah! Donzela, não fujas assim.
Venha para ficar.
Não seja como ondas, que voltam para o mar!

Oh! Que vento suspirável
Relento amigável, do mar em fúria.
Donzela das luxúrias.
Sereia descontente.

Aparece vagamente, nos mananciais infinitos.
Deste oceano aflito. Infâmia que representa meu peito.
Doloroso desalento, plácido eu aceito.
Que volte para o mar.

Em quanto eu morro, ficarei a delirar.
Loucuras do gozo.
Em fim tão gostoso!
Que uma sereia fez cantar...

"É pra você Hipócrita!"

Desce do teu pedestal infame, poeta.
A vida é o que passa agora
Não coisas homéricas!
É a fala entupida, o isqueiro soltando gás.
Aliás, poesia é o agora! É você lendo.
É lá fora chovendo, também minha vontade
De te amar mesmo não tendo saco mais para o amor!

Que horas são? Ainda dá tempo?
Poesia é movimento, movimenta poeta esse peito.
Do leitor voraz que te lê e sente, demasiado
A corrente poética no sangue coagulado.

Já viu meus braços? Descoagulei o sangue mal tratado.
Quero você do meu lado. Meu correspondente.
Meu amigo, minha amiga.
Quer casar comigo só por hoje?

A poesia é o agora, o que passa.
O que passou, desvaneios...
Só estou treinando uma piada
Ou uma declaração.
Não declamação.

Por hora, chega de lampejos.
Quero fumar mais um cigarro
Em quanto te leio.
Amizade Colorida
Leitor, meu.
Amizade colorida...

Carta Extraviada.

5 de Março.

Um homem me pediu um cigarro, eu neguei. Ele me amaldiçoou com câncer, eu revidei. Mas ele nem sabe que já estou bem amaldiçoado por Baudelaire! - Quer saber? Tô cansado!
Preciso de um time is on my side, estou free demais... Toda vez que a barra pesa mais eu tenho certeza que eu vou sobreviver! A escrita maldita separa os homens dos meninos... Essa carta não é para todos, é para você hipócrita. Estamos tão perto do final e não temos remédios. Tudo bem... Tudo bem.

Poesia Erótica.

"olho por muito tempo o corpo de um poema"
Imaginando o prazer imerso em todo morfema.
Que até me dá pena, quando ele vai embora.
E deixa meu peito em desgraça.
"Olho por muito tempo o corpo de um poema"
E ele me olha também, me despindo aos poucos.
Em quanto eu faço ele desabrochar.
Exprimindo palavras até gozar, literalmente.
Olho por muito tempo o mesmo corpo
Que dá gosto de ficar vidrado
Embalsamado olhando o poema
Exposto, nu e sem véu.
Seria o céu se despindo só para o poeta?

Lábios de Dédalo.

Infâmia voluptuosa, beiço de Capitu.
Em revelia, penso em tu...
No teu beijo tão cru e doce
Molhado e também salgado.
Gosto de controlado!

És minha bocarra vadia, vil
Minha homérica poesia que me afaga.
Vontade que me mata.
Desejo de longe, olho estrelas (...)
Tão lúcidos poemas que fiz pra ti de tão longe.

Obstante, pensa no poeta quando usares estes lábios.
Quando fizeres em outro, outros afagos.
E se possível goze! Com vontade ou sem vontade,
Goze me lendo, aí você vai me tendo
Aos pouquinhos, pelas palavras.
Como ninguém ainda teve...
E eu continuarei a ter desejos
Lábios infames vertiginosos
Que um dia , ei de beijar!

Caótico.

Os Deuses estão confusos.
Não sabem se fazem chuva.
ou se fazem sol.
Crepúsculo dos ídolos!

Todos rindo a revelia.
Em quanto Ulyssses fugia
Já partindo em nostalgia.
Afinal.

Os homens estão confusos
Demasiado, seus umbigos
são seus melhores amigos
-Ah! Eterno Idividualismo.

O ser - humano não sabe amar
Os Deuses caducaram
Nossos heróis erraram...

-Estamos a poucos passos
de pagarmos tão caro
por tudo isso!

Fogo nas Palavras ou Hades / inferii

Não quero ser verborrágico
Prolixo, demasiado
Quero apenas o sangue
das palavras nuas e cruas!

Das palavras exatas, erradas
-Rebeldia no alfabeto!
Escrevo direto
Instrospecto, encontro meu caos.

Afinal, não seria esta mágica
Tempestuosa & virtuosa
a corroer nossas mentes?

Que então assim seja!